

A LITERATURA INFANTIL NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

JEISY DA SILVA MELO

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Resumo: O objetivo desse artigo é identificar a importância da contação de histórias para o despertar do gosto pela leitura. O trabalho dedicou-se a compreender a visão dos contadores de histórias sobre a possibilidade ou não, da contação despertar para o gosto pela leitura, contribuindo para a formação de leitores e como essa atividade se desenvolve, seus principais focos e o que vem a ser de fato contação de histórias. Para alcançar o objetivo de compreender melhor o assunto, foi realizada uma pesquisa qualitativa onde nos deslocamos para diferentes lugares da cidade de Garanhuns-PE em busca de contadores de histórias e através deles, buscamos entender o tema. Foram realizadas entrevistas com 5 professoras, com diferentes formações, todas contadoras de histórias de diferentes linhas de narração oral, a tradicional e a contemporânea. No decorrer da análise de dados foi possível identificar as diferenças existentes entre as duas linhas e se a contação de histórias pode ser realmente instrumento de incentivo à leitura e qual dos tipos de contador apresenta um melhor perfil no sentido desperta de para o gosto pela leitura. A conclusão a que se chegou com a pesquisa é que a contação de histórias pode ser um meio de incentivo à leitura, porém essa não é a sua principal função. A contação tem por função apresentar uma história.

Palavras-chave: Literatura Infantil; Contação de histórias; Formação do leitor.

Introdução

A contação de histórias é algo que sempre esteve presente na história da humanidade, a mesma tem uma função histórico-cultural de transmitir ensinamentos para as novas gerações, também permitindo uma maior apreensão de mundo. A mesma se mostra como uma prática diferenciada e dinâmica para o despertar do interesse da criança pela leitura, porém essa não é sua função principal.

Na busca por compreender melhor o que é e como se realiza a contação histórias e como a mesma pode se relacionar positivamente com a literatura infantil contribuindo para o desenvolver do gosto de ler, realizamos uma pesquisa com o objetivo geral de identificar a contribuição da contação de histórias para o despertar do gosto pela leitura em uma perspectiva que coloca a literatura infantil no âmbito da contação de histórias, assim a literatura se inseri em contexto diferenciado para ser trabalhado. Então buscamos especificamente na visão dos contadores de histórias identificar a diferença entre a leitura simples de histórias e a contação de histórias, identificar se a contação de histórias contribui para o despertar do gosto pela leitura e como se realiza a contação de histórias.

Para se atingir os objetivos propostos para esse trabalho, realizamos entrevistas com cinco contadores de histórias da Cidade de Garanhuns/PE que em suas práticas docentes

fazem contação de histórias em linhas diferentes de narração oral.

A pesquisa justifica-se pelo fato de que esta pode contribuir para o entendimento de que a contação de histórias na educação é um processo que exige preparação do contador, e a mesma pode se mostrar uma ótima alternativa para a formação de leitores até os benefícios trazidos ao aprendizado por meio da contação de histórias. A maior contribuição que esse trabalho traz é evidenciar que a contação de histórias exige estudo, e muitas vezes estudos específicos.

Metodologia

Neste trabalho o tipo de pesquisa realizada foi a qualitativa. Segundo André (1995), esse tipo de pesquisa tem como característica aprofundar os conhecimentos sobre uma realidade específica. Ele apresenta diversas formas de coleta de dados como a observação e a entrevista. Nesse trabalho foram realizadas entrevistas gravadas com cinco professoras que são contadoras de histórias, com formações em diferentes áreas da educação, sendo duas professoras licenciadas em Pedagogia, uma professora formada em Geografia, uma professora licenciada em Letras e mais uma professora da área da Pedagogia, porém com sua formação em andamento, mas a mesma já atua em sala de aula e tem em sua prática docente a contação de histórias. São cinco contadoras que também são professoras. A partir desse ponto elas serão nomeadas por contadoras durante toda análise da pesquisa.

As Contadoras entrevistadas realizam suas atividades de contação de histórias em locais com focos diferentes, embora todas atuem em escola. Por exemplo, no caso das contadoras licenciadas em Pedagogia, essas exercem suas atividades docentes e de contação na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), da Cidade de Garanhuns, o que faz com que o trabalho delas seja mais minucioso e focalizado a necessidades específicas devido ao atraso cognitivo das crianças da APAE. Para denominar as professoras ao longo da análise dos resultados será utilizado para a professora formada em Letras o termo contadora 1; para a professora formada em Geografia, contadora 2; para as professoras Licenciadas em Pedagogia contadora 3 e 4 e para professora ainda com o curso de Licenciatura em Pedagogia em andamento, contadora 5. As entrevistas foram realizadas na cidade de Garanhuns-PE, tanto no ambiente escolar como em outros espaços e todas as professoras são residentes da cidade de Garanhuns e atuam no meio educacional da cidade.

Ao longo da análise de dados serão selecionados alguns trechos das falas das contadoras de forma representativas as respostas. As entrevistas realizadas seguiram o modo padronizado ou estruturado de acordo Ludke e André

(1986), os entrevistados responderam seis perguntas que foram as seguintes: Como você define a contação de histórias? Qual a diferença entre você simplesmente ler uma história e você contar uma história? Como você percebe os benefícios da contação de histórias para o despertar do gosto pela leitura nas crianças? Você acredita que existe uma maneira mais adequada de contar histórias, que chame mais a atenção das crianças? Você acredita que o cenário, a preparação do ambiente e caracterização do contador exercem grande influência na contação de histórias? Após os momentos de contação você costuma fazer reflexões sobre a história?

Análise e Discussão dos Resultados

Para atender aos objetivos da pesquisa e responder as questões orientadoras, foram formuladas seis perguntas para serem feitas nas entrevistas com o intuito de entender como ocorre o processo de contação de histórias e assim também entender o que é a contação de histórias e se essa atividade pode despertar o interesse dos alunos para a leitura. É importante ressaltar que todos os dados foram interpretados à luz da teoria utilizada e de acordo com a visão dos contadores de histórias. Foi possível entender que a contação de histórias traz um significado intrínseco para cada contador, pois cada contadora segue determinada linha de narração. Embora o significado da contação de histórias seja particular a cada contadora, foi possível identificar aproximações em suas falas.

Para as contadoras 1, 2 e 3, a contação de histórias traz um valor mais afetivo que tem a capacidade de despertar várias emoções em quem ouve as histórias. Assim como diz Rodrigues (2005) é por meio das histórias que os sentimentos e as emoções transcendem o imaginário e ganham vida. A contadora 2 foi a única que afirmou pertencer a uma linha de contação de histórias. Ela afirma categoricamente ser da linha tradicional de narração oral, e justamente por isso que ela coloca que a contação de histórias tem por objetivo apresentar uma história. A linha tradicional coloca que as histórias trabalham com todos os arquétipos¹ permitindo assim o aguçamento de todos os sentidos na história. Então para ela, a contação de história trabalha com as emoções, fazendo com que os que ouvem reflitam sobre a história, trabalhe a afetividade. Isso se evidencia claramente em sua fala quando ela diz que “O ideal é

¹ De acordo com Jung (2000, p. 17), “O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta”. Os arquétipos influenciam de forma direta a maneira como as pessoas enxergam o mundo. Esse conceito vem da psicologia analítica com Carl Gustav Jung, pai do conceito arquétipo. Esse termo embora seja complexo, aqui pretendemos expor de uma forma mais simples, pois intensão desse trabalho não é um estudo sobre o mesmo. Devido as vivências, os seres humanos formam imagens que mostram estruturas semelhantes entre si, então temos o arquétipo da bruxa, do ladrão, do herói, do pai, da mãe e muito mais, todas figuras arquetípicas. Então por meio dessas estruturas, criamos as imagens do que seria cada coisa a nossa volta.

que a pessoa se lembre do que aconteceu na história e talvez lembre se tinha algum adereço, se o contador de história estava usando um figurino, se tinha boneco, se tinha cenário..., mas o principal é que a pessoa lembre da história. Se a pessoa se emocionar e lembrar da história significa que o contador de história fez o papel dele bem. Que é isso que a linha tradicional defende [...]”. E é dessa forma que para ela a contação de histórias traz o seu real sentido e a história é o principal, ela é o foco.

A contadora 3 mostra-se em sua resposta uma aproximação com a contadora 2, embora a mesma não seja da linha tradicional. Mas se assemelha ao relatar a capacidade que a história tem de trabalhar a afetividade, trazendo todas as emoções. Foi possível identificar que a contadora 3 se encaixa na linha contemporânea que são os mediadores de leitura, ela coloca a contação histórias como um suporte no qual se pode trabalhar a afetividade, a linguagem, a memória.

Já as contadoras 4 e 5 definem claramente a contação de história como um instrumento de incentivo à leitura, quando as mesmas assumem um caráter prazeroso, isso pode ser constatado claramente na fala da contadora 5 que diz: “[..] eu acho que a contação de histórias é um instrumento de incentivo à leitura. O que acontece é que na contação de histórias a linguagem vai assumir um caráter prazeroso, então ela vai contribuir para o desenvolvimento da criticidade do aluno e vai aguçar, incentivar, estimular a imaginação deles. ” Com as várias interações que a história tem a capacidade de causar, ela pode levar as crianças refletirem e criar um leitor crítico. Essas embora não se definam na linha tradicional ou contemporânea de narração oral, ficou claro que as mesmas são mediadoras de leitura. Aqui o foco está centrado no livro e o objetivo da contação de histórias aqui é despertar para o gosto pela leitura, o mediador de leitura é o instrumento intermediário entre o livro e a criança (BEJARD, 2007).

Ao perguntar as contadoras se há diferença entre a simples leitura de uma história e a contação de histórias todas afirmam que sim, existe diferença. Elas foram unânimes ao dizer que quando se conta uma história se toma ela para si, você passa a viver aquela história, a história não é mais tal qual o autor fez, ela passa a ser do contador. Isso pode ser verificado na fala da contadora que explica que quando ela conta as histórias ela assume aquela história para si, ela diz: “eu meio que sou co-autora da história, porque já não é mais igual, não é palavra por palavra como o autor escreveu ali no livro, porque quando vai para o meu universo eu já vou atribuir outros significados, vou atribuir mais sentidos, mais coisas visuais, gestuais, de tempo de fala que... já perde se você ler”.

Contar histórias é um exercício que vai usar mais elementos da linguagem oral, se tem mais contato visual com as crianças e exige uma maior interação e foco é na narrativa.

Segundo Abramovich (1997, p. 18):

Para contar uma história - seja qual for - é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvindo com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples harmônico da voz.

Assim pode-se entender que quando se conta uma história é preciso uma narrativa bem articulada, pois não é qualquer pessoa que percebe a sonoridade da das palavras e toma-a para se si em uma atividade de apropriação daquela história para contá-la. Isso recai no estudo da história, pois como diz Abramovich, é bom entender como se faz para poder contar uma história. Em relação ao simplesmente ler uma história, a contadora 1 e 2 concordam que essa é uma atividade que se que coloca totalmente o objeto livro como foco. A leitura valoriza o suporte, mostra de onde veio a aquela história e atenta para como a linguagem foi escrita, ou seja, o contador se coloca em uma situação de ler a história como ela foi escrita, com as palavras do autor. Então, lendo uma história, a linguagem literária vai ter sua valoração tal qual o autor do texto escreveu aquela história. Isso se evidencia na fala da contadora 2 que diz “[...] quando eu estou lendo, as palavras são sempre do autor, as imagens são sempre as que estão no livro, tudo é sobre o livro [...]”, o foco aqui se volta para livro, a contadora 2 coloca que essa atividade focalizada no livro faz parte da mediação de leitura. As contadoras 3, 4 e 5 expõe que quando simplesmente se ler uma história, essa pode ser uma atividade qualquer, pois para elas não se uma preparação para se fazer aquela leitura, não se atenta a entonação, a técnica para envolver as crianças na história, ou seja, para elas você pode estar lendo algo, mas não com a intensão de envolver naquela leitura.

É possível verificar o que foi exposto quando a contadora 5 diz que “ Uma palavra que não tem sentido para você, ela é um som vazio. Se eu digo uma palavra que você não conhece, ela não tem significado para você. Foi só um som vazio que você ouviu. Quando você simplesmente lê um texto é como se fosse isso porque o que acontece, você não tem entonação com as partes do texto que precisam disso, você não cria um ambiente favorável para aquela história. Você faz uma simples leitura,

você não apresenta as crianças se você está usando livro, imagem, se você está dramatizando, você não apresenta características dos personagens.” A contadora 5 coloca enfaticamente que quando se faz uma simples leitura não há preocupação em criar um ambiente envolvimento para chamar as crianças para história, e justamente por isso que as mesmas entendem que uma simples leitura pode ser qualquer leitura que não tenha por pretensão envolver as crianças em uma determinada história.

Para identificar se a contação de histórias pode trazer benefícios para o despertar do gosto pela leitura, todas as contadoras afirmam que a contação de histórias pode sim ser uma forma de incentivo à leitura. Porém é preciso atentar para o foco da linha tradicional e da linha contemporânea. A contadora 1 atribua a capacidade da contação de envolver os ouvintes na história, a questão da interação constante do contador, a oralidade, para ela tudo isso influencia para que as crianças se interessem pelas histórias e conseqüentemente tomem gosto pela leitura. Para ela podem existir outros caminhos para criar leitores.

A contadora 2 apesar de reconhecer a contação de histórias como uma fantástica ferramenta de incentivo à leitura, coloca que o foco da contação de história não é formar leitores, como já dito por ela, a linha tradicional defende que o mais importante e o foco da contação de histórias é apresentar uma história e apresentá-la bem, mas essa atividade pode sim contribuir para que as crianças se interessem pela leitura, mas é preciso o objeto livro. A contadora 2 afirma seu posicionamento da seguinte forma: “Eu acho que a contação de história é uma ferramenta fantástica para o despertar da leitura sim. Porque ela trabalha com basicamente as mesmas coisas da leitura, a narrativa, a construção da narrativa e a fabricação de imagens. [...], mas foco da contação de história não é despertar a leitura”, para ela a contação de histórias pode chamar atenção da criança para leitura devido todos esses fatores, a criança pode se identificar com um personagem, a história permite a soltar a sua imaginação, e dessa forma a contação traz esse benefício.

A contadora 5 enfatiza que para se despertar o nas crianças o gosto pela leitura é preciso trabalhar de forma que a mesma seja prazerosa e não como uma obrigatoriedade que implica castigo que é algo corriqueiro para ela nas salas de aula. Para Coelho (2000, p. 164) “Aquilo que não divertir, emocionar ou interessar ao pequeno leitor, não poderá também transmitir-lhe nenhuma experiência duradoura ou fecunda”, ou seja, o texto literário deve ser trabalho de maneira prazerosa para que assim as crianças venham a realmente se interessar pela leitura. Para ela quando se sabe mediar é essa atividade é possível formar leitores, pois as crianças não vão estar lendo por obrigatoriedade.

Aqui fica claro é incentivar para o despertar do gosto pela leitura é algo que está mais voltado para o mediador de leitura, e não para o contador tradicional, mas ambos podem sim despertar leitores.

As contadoras divergem claramente quando se trata de explicar se existe ou não uma maneira mais adequada de contar as histórias. Para as contadoras 1, 2 e 5 essa maneira mais adequada de se contar a história existem, e é estudando. Estudar a história que se pretende contar é o fundamental para elas. A contadora 2 é extremamente pontual nessa questão, ela coloca que é comum as pessoas confundirem “um teatro mal feito de bonecos, com contação de histórias”, isso porque como dito por ela, o contador nem estuda para contar a história e nem para fazer o teatro. Para ela não existe um cenário ideal, nem bonecos ideias, ou seja, a contadora explica que se pode utilizar mil coisas, mas se o contador não estuda a história, nada disso importa. Ela diz que “existem várias técnicas de contação, existem tapetes narrativos, existem flanelógrafos e existem outras técnicas para contação, mas a ideal para mim é estudar a história.” Ou seja, o principal é o estudo da história, essa é maneira adequada de se contar uma história, conhece-la bem.

O estudo da história proporciona segurança para contá-la. Quando o contador conhece a história, a sua narração é tranquila e natural. Em caso de deslizes o contador consegue com facilidade contorna-los. Ter a história clara na mente permite que o contador a manipule de maneira criativa, formando imagens, produzindo sua própria narração (RIBEIRO, 2002).

As contadoras 4 e 5 acreditam que a melhor maneira de se contar uma história é torna o mais contrata possível para crianças. Aqui há uma especificidade no trabalho delas, pois elas desenvolvem suas atividades de contação como já mencionado, na APAE-Garanhuns. É possível perceber a especificidade da contação de histórias na fala da contadora 4 quando a mesma diz “[...] aqui no nosso caso, a gente assim, trabalha diferente. Quando a gente vai contar, tem que elaborar bem a história para eles poderem entender. E assim, a gente procurar se caracterizar dos personagens, e assim dar toda aquela... aquela ênfase [...]”. Segundo as contadoras, devido ao atraso cognitivo das crianças é preciso que se elabore bem a história para torna-la o mais visualizável possível para as crianças. Quando elas contam história buscam sempre relacionar com o que se está sendo vivenciado em sala de aula, e no final de cada contação é pedido para as crianças relatem o que eles absorveram da história, essa é uma forma de se verificar se a história “chegou até eles e quais sentidos a mesma produziu em cada um.” Logo compreende-se que as contadoras da APAE utilizam a contação de histórias

como ferramenta de otimização da aprendizagem das crianças.

Isso já direciona para o quinto questionamento.

Quando indagado as contadoras se a caracterização do contador, a preparação do ambiente exerce grande influência na contação de histórias, as contadoras 2, 3, 4 e 5 afirmam sim, mas de formas específicas. Para as contadoras da APAE tudo isso é necessário devido a especificidade já mencionada do trabalho nesse local, colocar os elementos de cenário, a caracterização do contador, são elementos essenciais para que as crianças possam absorver algo da história que está sendo contada. A contadora 1 diz não acreditar que exista essa maneira adequada, para ela existem N caminhos na contação de histórias, logo tudo é muito relativo. Para depende de para quem se está contando, do tipo de narrativa que o contador adota. Porém ela diz que o estudo da história é algo deve sempre estar presente, logo se identifica que para ela o ideal é estudar história.

A contadora 2 é mais categórica ao afirmar que a preparação do ambiente, o cenário, a caracterização do contador pode influenciar de duas maneiras, uma positiva e uma negativa. Ela explica que quando o contador se preocupa mais com a sua caracteriza, adereços, cenário, outros elementos, mas não atenta para o foco na preparação da história, ou seja, o estudo da mesma, esses elementos tornam-se negativos. Mas quando o contador estuda a história e mantém seu foco na preparação da mesma, aparece o ponto positivo dá preparação do ambiente, da caracterização do contador, esses elementos veem para contribuir positivamente. A contadora 2 coloca que a linha tradicional defende tão fortemente o estudo da história que muitas os contadores podem passar até anos estudando uma história para poder contá-la. Para ela o cenário tem a função de mostrar aquilo que não está sendo narrado na história, se se utiliza bonecos, esse tem a mesma função do cenário, expor o que não está sendo narrado ampliando assim o poder de imaginação de que está ouvindo a história. Para ela esses elementos se bem aplicados melhoram a história.

Outro ponto levantado pela contadora 2, é que é necessário atentar para a narração em terceira pessoa, isso se refere à caracterização do contador. Ela diz: “As pessoas me perguntam como vou contar a história e eu respondo que vou de Joana², e ao questionarem se funciona eu respondo que sim. [...] se você vai contar a história vestida de Branca de Neve. Quem você conhece que conta história em terceira pessoa? Se eu converso com minhas amigas eu converso em primeira pessoa e como é que eu vestida de Branca de Neve vou contar em terceira pessoa? Porque se eu me visto de branca de neve existe um contrato não

² Nome ficcional aqui aplicado para a contadora se referir a ela mesma. Durante a entrevista, nesse momento a contadora fala seu nome, ela diz que não inventa um personagem, ela é ela mesma durante a contação.

verbal com a plateia de que eu sou a branca de neve. Então se estou de branca de neve e falo na terceira pessoa quebra a lógica, [...] então isso já faz com que já haja uma quebra na imaginação, se você é a branca de neve você deveria falar na primeira pessoa. ” Então, como colocado pela contadora 2, é necessário atentar a caracterização, pois como exposto, ela exerce influência na contação de histórias, tanto negativamente como positivamente.

A contadora 1 defende que gosta desses elementos, para ela eles demonstram uma preocupação do contador com o que ele está fazendo. Ela entra em concordância com a contadora 2 ao colocar que todos elementos de cenário, caracteriza, embora ela goste e utilize, eles são apenas elementos agregadores e mais importante é a história.

Na contação de histórias, dependendo a linha que o contador segue, essa atividade pode ter ou não com momentos de reflexão, que podem ser antes, durante ou após a história contada. As contadoras 1 e 2 afirmam não fazer momentos de reflexão pois a história fala por si mesma. Essa lógica da linha tradicional fica clara na fala da professora 2 quando ela diz “Nós tradicionais não trabalhamos com isso. Porque entendemos o seguinte: quando acaba a história, se alguém quer falar alguma coisa ela vai falar. É natural, se a criança entender ela vai fazer algum comentário, se for uma plateia muito grande, ela verbaliza com quem ‘tá’ do lado, se for na sala de aula o menino fala, porque é deles fazer comentários. ”

A contadora 2 explica que devido aos arquétipos que as histórias trazem, em cada pessoa que a ouve, vai interpretá-la da maneira que a história a tocou naquele momento. Logo uma mesma história vai ter diferentes significados para cada ouvinte, e desse formar se alguém quiser comentar ela vai, pois como ressalta a contadora, a história carrega uma vida tão que se alguém quiser comentar, ela vai comentar. Ela diz que cada pessoa vai entende a história na maneira que pode e precisa. Ela afirma que o que ela faz é uma antecipação de sentidos para desperta a imaginação das crianças para que elas comecem a fabricar e imagens e criar hipóteses a respeito da história. O objetivo dela nessa questão é fazer com as crianças fiquem curiosas para descobrir a história.

A contadora 1 aproxima-se contadora 2 ao afirmar que também não faz esses momentos de reflexão, justamente porque ela gosta que as crianças imaginem N possibilidades, para ela o importante e deixa a imaginação fluir. Ela diz que fazer flexões sobre a história passa uma ideia de moral da história, e ela não gosta de moral da história porque para ela isso limita a imaginação da criança. As contadoras 3 e 4 afirmam fazer momentos de reflexão sobre a história, pois para esse o momento de saber se a história atingiu as crianças. A quando questionada, a contadora 3

afirmou: “Sim. Porque é onde a gente vai observar se realmente eles absorveram, se eles estavam prestando atenção, se conseguiram se envolver com a história. É como se fosse uma avaliação, uma diagnose para ver se realmente fluiu. ” No caso das contadoras da APAE, a reflexão exerce essa função de diagnose, é nesse momento que elas verificam se as crianças conseguiram extrair algum sentido daquela história contada.

A contadora 5 afirma sempre fazer momentos de reflexão sobre a história. E diz fazer antes, durante e após a contação. Ela sente a necessidade de motivar as crianças antes para que elas atuem os sentidos a respeito da história e durante a contação ela continua fazendo a ativação de sentidos para saber se as crianças estão entendendo a história e até para que ela própria possa se direcionar na narrativa, é também uma forma de norteamento. Depois que ela conta a história ela verifica o que ficou sondado da mesma.

Considerações Finais

A pesquisa realizada possibilitou um melhor entendimento do que vem a ser a contação de histórias e a sua relação com o despertar do gosto pela leitura, o que perpassa o trabalho com a literatura infantil. Em vista do que foi proposto inicialmente nesse trabalho, pudemos identificar que a contação de histórias pode sim ser um instrumento para o despertar do gosto pela leitura, embora o foco dessa atividade seja apresentar uma história, quando trabalhada de maneira adequada, é possível formar leitores, e essa tarefa compreendemos pelo o que foi exposto pelas contadoras, que cabe mais aos mediadores de leitura que são os contadores contemporâneos, pois tem o seu foco voltado para o livro justamente para fazer com que as crianças se interessem pela leitura. E como dito por uma contadora, não se forma leitores sem o objeto livro. Ambos os tipos de contadores podem ajudar para fazer fluir o gosto pela leitura, desde que, como colocado pelas contadoras, a história seja estudada, pois é preciso uma narração bem articulada. Ficou colocada a diferença entre a simples leitura de uma história e contar uma história. Como as contadoras explicaram, quando você conta uma história você está vivendo a mesma e então você toma ela para si. É preciso incorporar a história para poder contá-la. Já simplesmente ler uma história não exige essa apropriação que contar uma história exige, tudo é bem mais focalizado no que está no livro quando se lê. Na contação de histórias ficou claro que o foco é mostrar uma história.

Na contação de histórias a narração é tão forte que a história “toca” quem está escutando, isso de diversas maneiras devido aos arquétipos que a história carrega, e é justamente de tocar de diferentes formas que faz com que os ouvintes atribuam diferentes significados a história, e isso contribui também para

que a contação desperte para o gosto pela leitura. Também foi possível entender um pouco de como se desenvolve a contação de histórias. Esta exige todo um processo de muita preparação que envolve estudos, e a depender do tipo de contador, estudo específicos como por exemplo, no caso do contador de linha tradicional. A contação de histórias é uma atividade que exige comprometimento do contador, talento, gosto e principalmente o estudo das histórias.

Referências

- ANTUNES, Celso. **Metáforas para aprender a pensar**. 5ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- ANDRÉ, M. E. D. A de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- ABRAMOVICH, Fanny. **A Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. 5ª edição. São Paulo: Scipione, 1997.
- BARRETO, Cíntia Costa. **A arte de contar histórias: Uma reflexão sobre a experiência com crianças na faixa etária de 4 a 5 anos**. UERJ, 2003.
- BAJARD, Élie. **Da escuta de textos à leitura**. São Paulo: Cortez, 2007.
- CAGNETI, Sueli de Souza. **Livro que te quero**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996.
- CARVALHO, Márcia Evelin. Afinal, quem é esse contador de histórias? Reflexões, dinâmicas e exercícios que estimulam sua descoberta. **Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica**. Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p. 19-32, jul. dez. 2015. Disponível em: < <https://www.ojs.ufpi.br/index.php/parfor/article/download/4480/2953>>. Acesso em: 20 de agosto de 2017.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LAJOLO, Marisa (2008). **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª ed. 13ª impressão. São Paulo: Editora Ática.
- LUDKE, M. E; ANDRÉ, M. E. D. A. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Epu. Temas básicos de educação e ensino. 1986. p. 25-44.
- PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- RIBEIRO, J. **Ouvidos dourados: a arte de ouvir as histórias (... para depois contá-las...)**. 4. ed. São Paulo: Ave Maria, 2002.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

SANTOS, P. F. P; OLIVEIRA, M. A. G. A literatura infantil na educação infantil. **Revista Científica do ITPAC**, Araguaína, v. 5, n. 2, pub. 5, abril. 2012. Disponível em: <<http://www.itpac.br/arquivos/Revista/52/5.pdf>>. Acesso em 29 de Maio de 2017.